
INPUT MATERNO E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: ANÁLISE DAS DÍADES COMUNICATIVAS ENTRE MÃES E FILHOS

EDUARDA PATUSSI HUBNER E LUCIANA GROLI ARDENGI
Universidade de Passo Fundo

RESUMO

Este trabalho trata da interação verbal entre mães e filhos, objetivando estudar a extensão e quantidade de enunciados diretivos das mães no desenvolvimento da linguagem dos filhos com ou sem retardo na aquisição da linguagem verbal. Participaram da pesquisa oito crianças acompanhadas de suas mães, de ambos os sexos, com idades entre 2:10 e 5:3 anos e divididas em dois grupos. Quatro apresentavam retardo na aquisição da linguagem e as outras quatro desenvolvimento normal da linguagem. Para a análise da interação lingüística propuseram-se três tarefas de interação entre as díades. Obtiveram-se a média de extensão do enunciado (MLU), os enunciados diretivos das mães e realizou-se a análise estatística para determinar a relevância de cada item analisado. A partir desta pesquisa concluiu-se que o MLU não foi uma medida que refletiu as diferenças na fala dirigida à criança nos dois grupos; a variável que melhor reproduziu a diferença no input materno foi a avaliação dos enunciados diretivos.

Palavras-chave: Linguagem; retardo de linguagem; input lingüístico; MLU.

ABSTRACT

MATERNAL INPUT AND LANGUAGE ACQUISITION: ANALYSIS OF COMMUNICATIVE MOTHER-CHILD DYADS
This work is about the mother-child verbal interaction, aiming to study the extension and amount of mother's directive utterances upon language development, with or without delay in the acquisition of verbal language. Eight children of both genders, whose ages varied between 2:10 and 5:3 years, accompanied by the mothers, participated in the research divided in two groups. One group was composed by four children who showed delay in the acquisition of verbal language and the remaining four who had normal development of language acquisition. Three tasks were proposed for analysis of linguistic interactions of the dyad. MLU and directives utterances of mothers were obtained. The statistical analysis was made in order to obtain the relevance of each item. It was found that the MLU, in this study, was not a measure reflecting differences in directed speech to the child in both groups; the variable that better reproduced the difference in the mother's input was the directive utterance.

Key words: Language, language disorder, linguistic input, MLU.

INTRODUÇÃO

De acordo com Ramos, Fróes, Maldaner, Rosa e Soares (2002), a comunicação entre a mãe e o bebê através de relações precoces explica alguns transtornos posteriores da comunicação, enfatizando a importância de uma boa interação entre a díade, para que a criança possa perceber-se como sujeito autônomo.

A linguagem se constitui na principal forma de comunicação da criança e é adquirida pelo contato e interação com o meio social em que vive. Por meio da linguagem a criança tem acesso a valores referentes à cultura em que está inserida. Quanto mais precoce é o seu envolvimento, em situações comunicativas e interacionais, mais benefícios obterá a curto e a longo prazo, em termos de oportunidades de aprendizagem.

Considerando a importância do desenvolvimento da linguagem expressiva e compreensiva oral, a criança aprende, sobretudo pela interação com o ambiente, uma das formas dessa interação se dá pelos processos de observação, imitação, choro, interesse pelas pessoas e objetos, que iniciam as primeiras intenções de se comunicar.

A aquisição da linguagem oral pela criança é esperada com muita ansiedade pelos seus pais e membros da família, tanto que todos tentam ensinar a criança a produzir palavras. Porém tal desafio fica maior, quando se está diante de crianças que não conseguem um desenvolvimento típico de linguagem (Fensterseifer e Ramos, 2003).

Além da estimulação proporcionada pela mãe em relação ao processo de comunicação de seu filho, existe a dependência da resposta ao estímulo fornecido para continuar o processo de interação. Existe, assim, uma estimulação recíproca entre mãe ou cuidador e crianças, concretizando a afirmação de que esse processo ocorre bidirecionalmente.

O presente trabalho de pesquisa trata da interação entre mães e filhos e da análise da extensão do enunciado das mães no desenvolvimento da linguagem do filho. Tem como principal objetivo analisar as interações entre mães e filhos e estabelecer as diferenças na interação por parte de mães que possuem filhos com desenvolvimento típico e atípico da linguagem. Pretende-se estabelecer as semelhanças e diferenças entre a média de extensão do enunciado (MLU) e a quantidade de enunciados diretivos apresentados pelas mães nas situações comunicativas.

Além da estimulação proporcionada pela mãe em relação ao processo de comunicação de seu filho, existe a dependência da resposta ao estímulo fornecido para continuar o processo de interação. Existe, assim, uma estimulação recíproca entre mãe ou cuidador e crianças, concretizando a afirmação de que esse processo ocorre bidirecionalmente.

Compreender os aspectos relacionados com a comunicação e as interações que ocorrem durante o desenvolvimento dos sujeitos e em situações nas quais patologias de linguagem podem estar presentes é fundamental para que se possa propor estratégias comunicativas efetivas para o desenvolvimento da criança. Nesse sentido, os benefícios proporcionados para a família e a sociedade serão evidenciados com o maior aprofundamento no conhecimento desse tipo de relação dialógica entre mães e filhos.

Portanto, a interação social e o *input* lingüístico no processo de aquisição e na presença dos distúrbios da linguagem precisam ser estudados à luz das características de cada sujeito e das relações bidirecionais entre criança e adulto. Acredita-se que as mães das que apresentam desenvolvimento atípico de linguagem necessitam de estratégias diferenciadas para garantir sucesso da comunicação. Nesse sentido, tornam o seu próprio discurso mais simplificado e direto no tópico proposto para a conversação.

REVISÃO DE LITERATURA

Desenvolvimento de linguagem

O desenvolvimento inicial da linguagem se caracteriza por sons produzidos pelo bebê em situações ocasionais. Nos primeiros meses, esses sons aumentam e tornam-se associados a estímulos que demonstram a alegria do bebê; do quarto ao quinto mês, a criança usa gorjeios como brincadeira e logo, no sexto mês, o bebê já é capaz de formar sílabas repetidas. A partir do sétimo mês observa-se o balbucio, a quantidade de vocalizações aumenta, chegando até um ano, quando a criança já consegue juntar duas a quatro palavras com significado no seu final (Grüspun, 2003).

O reconhecimento da competência dos bebês logo após o seu nascimento, quanto a sua capacidade de percepção, imitação e comunicação, é considerado uma pré-adaptação ao meio em que ele está inserido; assim, ele evidencia o seu papel ativo no mundo das relações com as pessoas que estão ao seu redor. As mães apresentam em graus variados a capacidade de reconhecer as necessidades, preferências e limites do bebê. A criança age sobre sua mãe, por meio de mímicas e olhares, ao passo que a mãe age sobre a criança por meio de sua fala e ações (Moura et al., 2004).

É importante compreender que o desenvolvimento da linguagem também se faz pelas relações sociais que a criança estabelece, em razão dos estímulos que os pais lhes oferecem. O desenvolvimento não se dá de modo igual em todas as crianças; ao contrário, é dependente do meio em que vive (Fernandes, 2003).

A linguagem deve ser concebida no contexto da interação social, não simplesmente como transição de informações. Nesse sentido, a linguagem permite que no processo de interação as crianças sejam estimuladas no seu fazer; que surjam contradições entre o pensamento da criança e seus interlocutores (Zorzi, 1993).

Assim a interação entre pais e criança será afetada nos casos de deficiência de linguagem. É claro que a maioria das crianças aprende a linguagem adequadamente com um mínimo de estimulação consciente de quem cuida delas. As evidências sugerem que a conseqüente distorção da interação em casos menos acentuados também pode ocorrer mais em função das necessidades da criança e da dificuldade dos pais ao tentarem corresponder a tais necessidades, do que de um estilo particular de fala que os pais possam usar (Law, 2001).

Denomina-se retardo de linguagem algum tipo de comprometimento na evolução do desenvolvimento da linguagem. Um primeiro tipo de atraso da linguagem pode ser caracterizado quando a criança já atingiu a idade cronológica esperada para adquirir a linguagem, mas não conseguiu.

Ele é manifestado pela ausência de linguagem verbal e comportamento infantil. A segunda forma de retardo de linguagem pode ser observada em crianças que usam palavras para se comunicar, mas têm uma linguagem que não se desenvolve com a rapidez esperada. A criança geralmente possui um vocabulário restrito, associado à dificuldade de organizar frases (Zorzi, 1993).

Interação e estimulação

O desenvolvimento da habilidade interativa inicia-se por meio de uma transação complexa entre o bebê e os pais. Desde o início, os cuidadores atribuem significado para o comportamento da criança. Modelam esse comportamento em atos de comunicação; assim, os comportamentos são reforçados e resultam na aquisição da comunicação pela palavra (Grüspun, 2003).

As informações e experiências que a criança recebe do meio ambiente em que vive é denominado *input*. O *input* lingüístico refere-se a todas as experiências proporcionadas pelo uso que os demais fazem da linguagem em suas interações e, especialmente, ao se comunicar com o próprio sujeito. O *feedback* de expansão ou reformulação é um dos mais eficazes estilos de *input* materno no processo de aquisição da linguagem, pois apresenta uma versão corrigida ou alternativa do seu enunciado (Borges e Salomão, 2003).

Os fatores ambientais podem provocar conseqüências nocivas à linguagem da criança. Geralmente, os primogênitos apresentam uma assimilação verbal mais direta dos pais, ao passo que o segundo filho tem esse aprendizado também mediado pelo irmão. Um fator muito importante no primeiro ano de vida é a interação entre pais e criança. O desejo de se comunicar é tão grande no bebê que, às vezes, parece impossível interpretá-lo (Law, 2001).

Quando as mães falam com seus filhos, elas usam uma linguagem diferente da empregada com outros adultos. Muitos aspectos diferem na conversa da mãe com o bebê, desde a intensidade da voz elevada à entonação exagerada (Mussen, Conger e Kagan, 1995). A manipulação dessas características prosódicas é muito alta exatamente na idade em que os bebês são mais responsivos e, em torno de cinco anos de idade, as crianças não recebem praticamente nenhum ajuste prosódico. Portanto, parece claro que a prosódia está sintonizada com a responsividade ou a atenção da criança (Snow, 1997).

A fala materna é muito importante nos primeiros anos de vida da criança, período em que elas não conseguem responder a sentenças muito complexas. Isso enfraquece as intenções comunicativas das crianças, podendo despertar problemas no desenvolvimento da linguagem. É importante que a fala materna seja apresentada de forma simples e curta, porém num nível mais elevado que o da criança, de forma que torne possível sua participação no diálogo e um crescimento lingüístico (Borges e Salomão, 2003).

As principais diferenças estão relacionadas com o grau de dificuldade imposto no discurso dos pais em comparação com o das mães. Os pais tendem a usar um discurso não contínuo, o que tornaria a fala mais complexa e, portanto, exigiria um grau de observação mais acentuado por parte da criança. Fonseca e Salomão (2006) sugerem que essa dificuldade seria importante para o desenvolvimento da linguagem. As mães, ao contrário, geralmente utilizam um discurso contínuo, tendo mais facilidade de se envolverem com a criança nas mais diversas atividades e nos mais variados lugares, o que possibilita ajustar a fala aos enunciados infantis de modo que ela compreenda.

É fundamental que a mãe seja maleável. Uma mãe deprimida, por exemplo, é menos maleável, mais concentrada em suas preocupações, o que pode acarretar atrasos na linguagem de seus filhos. A narrativa oral de fatos e eventos será a base fundamental para o acesso a uma nova etapa evolutiva infantil (Ramos et al., 2002).

A fala dos adultos para as crianças é geralmente sucinta e empregada nos padrões de entonação mais exagerada do que na fala com outro adulto (Bishop e Mongford, 2002). A fala dos adultos dirigida à criança se caracteriza como uma fala simples e que geralmente trata de assuntos referentes ao momento, com um tom mais enfático que dá impressão de brincadeira. O adulto faz um ajuste permanente, uma evolução espontânea relacionada aos progressos da criança. Com uma linguagem mais estável o adulto bloqueia o progresso da criança. Durante a troca, desempenha dois papéis: o passivo, no qual ele apresenta o modelo da língua pra criança, e o ativo, pelo qual escuta a criança, faz um esforço para compreendê-la e reformula suas frases corretamente, sempre completando com mais alguma informação (Aimard, 1997).

A maneira como a fala das mães é dirigida às crianças pode estar relacionada a dois aspectos, primeiro o fato de as mães possuírem socialmente o papel de educadoras e, segundo, conhecerem melhor a realidade dos seus filhos. Como educadora, a mãe se sente na responsabilidade de ensinar a criança e progressivamente, apropria-se da linguagem compatível com o nível lingüístico da criança, o que favorece o desenvolvimento da linguagem na medida em que permite dar continuidade à conversação entre os parceiros conversacionais (Fonseca e Salomão, 2005).

O *motherese* ou maternalês tem sido foco de estudos desde a década de 1970, quando muitas pesquisas buscavam encontrar correlação entre o uso desta maneira de falar das mães e o desenvolvimento da aquisição da linguagem de seus filhos. Caracteriza-se o *motherese* com traços paralingüísticos como tom alto e entonação exagerada; traços sintáticos, como menor comprimento médio dos enunciados, menor número de formas e modificadores verbais, menor número de orações subordinadas intercaladas por enunciados, enunciados sem verbos, mais palavras de conteúdo e menos palavras funcionais e traços de discurso como mais frases interrogativas e imperativas, fala mais fluente e inteligível e mais repetições (Aquino e Salomão, 2005).

Os estudos do *motherese* foram utilizados como evidências de que o *input* lingüístico especialmente estruturado era importante no aprendizado da linguagem, ao mesmo tempo em que aumentava a relevância das competências que nascem com as crianças. A tarefa da aquisição da linguagem requer aprender gramática e outras habilidades da linguagem fundamentadas em exemplos fornecidos pelos pais através de situações positivas e não de reforços negativos (Aquino e Salomão, 2005).

Borges e Salomão (2003) enfatizam o aspecto conversacional da fala *motherese*, alegando que a mãe não fala para a criança, mas com a criança. De acordo com estes autores, esse não é o único objetivo da fala *motherese*, pois, em virtude da tentativa de estabelecer a comunicação, a mãe busca relacionar o seu contexto da fala ao nível lingüístico das crianças. O controle do nível lingüístico das crianças é importante pelo fato de que o *motherese* deve ser entendido em termos das disposições da própria criança para organizar e utilizar a informação lingüística, pois a criança faz diferentes usos da linguagem que recebe. Nos primeiros estágios lingüísticos a criança

está aprendendo o vocabulário básico e a expressar formas semânticas simples, assim o estilo de *input* simples poderá ter um efeito facilitador nesse processo; porém, se a criança estiver num nível lingüístico de aquisição de regras semânticas, provavelmente será necessário um estilo mais complexo de *input*. São consideradas regras semânticas simples aquelas que possuem relação direta com o objeto ou situação vivenciada.

Entretanto, em posição contrária o estilo de *input* que pode interferir negativamente no desenvolvimento da linguagem é a diretividade. Este estilo de *input* relacionado a comandos, direções e instrução está associado a uma aquisição mais lenta de nomes e palavras por parte das crianças que o recebem. Outro aspecto a ser considerado é de que este estilo de *input* é característico das mães de crianças com desenvolvimento atípico de linguagem. Ressalta-se que as crianças atípicas, são menos ativas e menos comunicadoras, o que leva a acreditar que os enunciados diretivos dos pais podem ser uma compensação pela falta de respostas ou baixa compreensão dos seus filhos (Borges e Salomão, 2003).

Mesmo apontando os aspectos favoráveis e desfavoráveis em relação ao *input* utilizado na aquisição da linguagem durante a abordagem da interação social, não se considera que o *input* seja o único responsável pelo desenvolvimento da linguagem, pois fatores biológicos também podem interferir nesse processo. Borges e Salomão acreditam que a forma como a criança interage com o ambiente e com o meio social em que vive e a qualidade das informações que lhes são transmitidas são fatores importantes para o domínio da linguagem. Assim, as crianças que participam mais da interação social com uma participação ativa, provavelmente, alcançarão com mais eficácia o domínio da linguagem do que aquelas que não tiverem esta oportunidade.

Uma das formas de se medir a quantidade de fala apresentada às crianças, assim como o seu nível lingüístico, é pelo do cálculo de MLU (tamanho médio do enunciado, em inglês *Mean Length Utterance*). Apesar de receber críticas, ainda é uma das formas de medida lingüística mais utilizada em função de não haver outra medida pertinente ao português brasileiro (Borges e Salomão, 2003). Fensterseifer e Ramos, (2003) têm utilizado o MLU para caracterizar a linguagem infantil, associando-o a análises qualitativas no sentido de complementar o diagnóstico clínico. Descreve-se o MLU como determinado pela soma do número de morfemas, ou seja, palavras faladas num conjunto de enunciados consecutivos, divididos pelo número de enunciados.

Em seu estudo com 93 crianças na faixa entre um ano e seis meses e cinco anos de idade, Fensterseifer e Ramos obtiveram o perfil de extensão média em crianças falantes do português brasileiro, utilizando o MLU. Concluíram que o cálculo do MLU é, sem dúvida, o procedimento mais amplamente utilizado na literatura estrangeira para tentar captar a evolução lingüística infantil nos primeiros três anos de vida e, atualmente, começa a ser utilizado pelos pesquisadores no Brasil, estabelecendo-se médias para o desenvolvimento normal em diferentes faixas etárias. O MLU é relevante na identificação de crianças normais e com desvio específico de linguagem, pois foi obtida uma correlação desta variável com a idade cronológica.

MÉTODO

Sujeitos

Participaram da pesquisa oito crianças, com idades entre 2:10 e 5:3 anos, sete do sexo masculino e uma do sexo feminino, com suas respectivas mães, quatro portadoras de desenvolvimento atípico de linguagem (grupo experimental - G1) e quatro com desenvolvimento normal de linguagem (grupo de controle - G2). Os sujeitos pertencentes ao G1 foram selecionados na Clínica de Fonoaudiologia da Universidade de Passo Fundo ou no Consultório de Fonoaudiologia da pesquisadora responsável pelo projeto. As crianças do grupo G2 foram escolhidas por indicação da própria pesquisadora, não apresentando história de patologias de desenvolvimento, nem distúrbios de linguagem comprovada pela avaliação fonoaudiológica. O G2 formou-se por crianças de mesma idade cronológica com diferença de no máximo seis meses.

Além das avaliações citadas, foram considerados como valores referenciais o MLU das crianças a partir dos dados encontrados no estudo de Fensterseifer e Ramos (2003). As crianças do G2 tinham resultados na média e as crianças do grupo experimental tinham MLU menor que a média em relação à idade e ao sexo da criança do referido estudo.

Procedimento

Princípios éticos

Inicialmente, a presente pesquisa foi encaminhada para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo, respeitando as diretrizes regulamentadas para pesquisas com seres humanos. Após a aprovação pelo respectivo comitê, foram contatadas as crianças que fariam parte do estudo. Todas as informações foram fornecidas pessoalmente pela examinadora no primeiro contato e, após a compreensão dos responsáveis, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que repete as informações na forma escrita. As informações fornecidas estão diretamente relacionadas com a explicitação dos objetivos da pesquisa, bem como o nome da pesquisadora, juntamente com o seu telefone para qualquer esclarecimento adicional sobre a pesquisa, dados sobre os riscos e benefícios da participação dos sujeitos no estudo, destacando os procedimentos realizados. Foram assinadas duas vias do termo, uma das quais ficou com o participante e a outra, com a responsável pelo estudo. Nessa oportunidade, solicitou-se a permissão para filmar a interação, sendo as fitas transcritas logo após seu término.

Coleta de dados

Todas as mães das crianças passaram por uma entrevista de anamnese fonoaudiológica na qual foram realizadas perguntas relativas à gravidez, parto, alimentação, desenvolvimento geral de linguagem e vida escolar. Foi também realizada avaliação do desenvolvimento da linguagem, constando de análise da brincadeira simbólica e do comportamento verbal. A avaliação da criança foi realizada por meio de um protocolo que considera a brincadeira informal como base para a eliciação do comportamento verbal infantil com brinquedos diversos, compostos por miniaturas de uma casa,

uma família de bonecos, objetos sem uso identificados, comidas, potes com tampa, cuidadosamente selecionados para avaliação de condutas simbólicas e pré-simbólicas. Como exames complementares, as crianças do G1 e do G2 foram encaminhadas para avaliação audiológica que constou de audiometria tonal e vocal e impedanciometria.

Três tarefas foram propostas para as mães para ser observada a interação lingüística: (a) contar histórias de livros de contos de fadas, (b) construção de um castelo com blocos e (c) brincadeira livre utilizando um caixa contendo brinquedos diversos. As sessões de interação foram filmadas por um período de 30 minutos, transcritas e depois analisadas. As fitas foram apagadas depois de realizada a coleta e só então estudadas.

Para análise da extensão média dos enunciados (MLU) das mães e das crianças foram utilizados os critérios propostos descritos abaixo por Fensterseifer e Ramos (2003):

1. Todas as repetições exatas de enunciados foram contadas. Cada repetição de palavras também foi contada.
2. Não foram contados elementos expressivos como “ã”?, mas se consideraram todos os é, sim, não, tá.
3. Palavras compostas, nomes próprios ou reduplicações ritualizadas foram contadas só uma vez: au au, piu piu, dona Maria, Tia Carol, etc
4. As poucas ocorrências de passados irregulares dos verbos foram contadas como um só morfema, como fui, fiz.
5. Flexões do feminino só foram contadas como um morfema a mais nas formas que têm oposição de masculino e feminino, como: ele/ela, esse/essa.
6. Aumentativos foram contados como um morfema a mais nos nomes. O mesmo ocorreu com os diminutivos, com exceção dos contextos em que havia evidência de serem formas afetivas, pois se consideram formas congeladas de processamento de léxico.
7. Foram contadas como um morfema a mais as flexões verbais de primeira pessoa do singular presente e perfeito; da mesma forma foi considerada a terminação do progressivo: andando, dançando, etc. As formas verbais de terceira pessoa do singular foram consideradas como um só morfema, porque parecem ser a forma verbal normal do verbo, antes de ser uma flexão verbal realmente relacionada à terceira pessoa.
8. Contrações de preposições com artigos, pronomes pessoais ou outros elementos foram contadas como morfemas separados, como na, no, da, do, deste, desta, daqui.
9. Os totais obtidos representam todos os enunciados de cada coleta, a partir da transcrição total.
10. Os enunciados maternos nos quais foi realizada a leitura dos livros infantis foram retirados da contagem, pois não se considerou como fala espontânea e, em decorrência disso, poderiam comprometer as características da amostra.

Análise dos Enunciados Diretivos

Para análise deste tipo de estilo de narrativa dirigida à criança elaborou-se a categoria denominada Enunciado Diretivo, interpretado como um comando ou ordem, possuindo um componente imperativo interpretável, que dirige o comportamento ou verbalizações da criança

(Aquino e Salomão, 2005). Foram considerados enunciados diretivos todos aqueles que tiveram por finalidade controlar algum comportamento global ou específico da criança. Além disso, também foram considerados enunciados diretivos aqueles que tinham por finalidade atrair a atenção da criança ou corrigir comportamentos. Desse modo, somente os enunciados caracterizados como diretivos foram contabilizados nas falas das mães.

Análise dos resultados

Os enunciados e o processo de interação foram estudados de forma comparativa entre os dois grupos. O número de interações verbais foi contado para cada criança e para cada mãe. A frequência da extensão de enunciados foi realizada em cada frase com a metodologia destacada anteriormente e dividida pelo número de enunciados produzidos pela criança e pela mãe. Foi obtido o teste *t* de Student para amostras independentes considerando-se um intervalo de confiança de 95% e $p \leq 0,05$, bem como foram calculadas as estatísticas descritivas das variáveis pesquisadas.

RESULTADOS

Nas Tabelas 1 e 2 serão apresentados os resultados obtidos com a amostra de quatro crianças com retardo na aquisição da linguagem, denominadas F1, F2, F3 e F4 e suas mães respectivamente M1, M2, M3 e M4. O grupo controle, do qual faziam parte às crianças com desenvolvimento típico de linguagem e suas mães, foram denominadas, respectivamente, como F5, F6, F7, F8, M5, M6, M7, M8.

Não foi pesquisado o número de enunciados diretivos das crianças, pois aquelas que tinham retardo na aquisição da linguagem, não necessariamente produziriam enunciados que pudessem ser classificados como diretivos. A idade da mãe não foi um fator relevante, pois se supunha que não influenciaria na interação com o filho.

Tabela 1. Dados referentes às crianças por grupo

	Sujeito	Idade	Sexo	Nº Morfemas	Nº Enunciados	MLU	
FILHOS	F1	4:1	M	126	114	1,1	
	G1	F2	4:11	M	134	110	1,2
		F3	3:2	M	152	133	1,1
		F4	4:0	M	282	196	1,4
		F5	3:7	M	896	237	1,8
	G2	F6	5:3	F	921	164	5,6
		F7	2:10	M	735	194	3,7
		F8	4:5	M	968	214	4,5

Tabela 2. Dados referentes às mães por grupo

	Sujeito	Morfemas	Enunciados	MLU	Enunciados Diretivos	
MÃES	G1	M1	1500	374	4,01	131
		M2	1357	343	3,90	95
		M3	1860	423	4,39	152
		M4	1670	385	4,33	123
	G2	M5	1266	313	4,04	49
		M6	1142	266	4,29	37
		M7	1606	423	4,03	67
		M8	1456	356	4,08	78

Número total de morfemas da amostra

Na Tabela 3 encontra-se o número de morfemas produzidos pelas mães durante seus enunciados, na qual se pode comparar o número de morfemas produzidos pelas mães de cada grupo separadamente e o total da amostra.

Tabela 3. Número de morfemas da fala das mães, por grupo

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
G1	4	1357	1860	1596,75	217,18
G2	4	1142	1606	1367,50	102,41
Total	8	1142	1860	1482,13	230,68

No grupo de 2 foi obtido o mínimo de 1142 morfemas e o máximo de 1606, com média de 1367,50 e o desvio padrão de 102,42. No grupo 1 o número mínimo de morfemas produzidos foi de 1357 e número máximo de 1860, com média de 1596,75 e desvio padrão de 217,18.

Observou-se pouca variabilidade entre os grupos, pois os adultos possuíam habilidades lingüísticas adequadas. Para o *t* de Student foi encontrado valor de $p = 0,175$ não sendo a diferença estatisticamente significativa para $p \leq 0,05$. Dessa forma, em relação ao número de morfemas, não houve diferença no input materno entre as crianças com desenvolvimento típico e atípico de linguagem.

Número de enunciados total da amostra

Na Tabela 4 encontra-se o número de enunciados produzidos pelas mães durante a interação.

Tabela 4 Número de enunciados totais produzido pelas mães, por grupo

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
G1	4	343	385	381,25	33,03
G2	4	266	423	357,50	33,34
Total	8	266	423	360,38	53,60

O grupo 2 produziu um número mínimo de 266 enunciados e máximo de 423, com média de 357,50 e desvio padrão de 33,44. No grupo 1 as mães produziram o número mínimo de 343 enunciados e o máximo de 423, com média de 381,25 e desvio padrão de 33,03. Nos dois grupos reunidos o número mínimo de enunciados produzido foi de 266 e o máximo de 423; a média foi 360,38 e o desvio padrão de 53,60. Para o *t* de Student foi encontrado valor de $p = 0,55$, não significativa para $p \leq 0,05$, ou seja, não houve diferença significativa entre os grupos de mães com relação à variável número de enunciados.

Média da extensão do enunciado

Na Tabela 5 são analisados os valores do MLU das mães e das crianças. O MLU foi calculado a partir da divisão do número de enunciados pelo número dos morfemas que cada participante da pesquisa obteve.

Tabela 5. Estatísticas descritivas da extensão do enunciado, por grupo

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
G1	4	4,03	4,29	4,15	0,24
G2	4	3,09	4,39	4,11	0,12
Total	8	3,90	4,39	4,13	0,18

Na Tabela 5 são apresentados o MLU das mães, da mesma forma que os outros itens, a tabela está dividida em dois grupos e cada um com quatro participantes. No grupo 2 para as mães o valor mínimo do MLU foi igual a 3,09 e o máximo 4,39; a média foi de 4,11 e o desvio padrão de 0,12.

As mães do grupo 1 apresentaram valor mínimo de MLU igual a 4,03 e máximo de 4,29; a média foi de 4,15 e o desvio padrão de 0,24. Analisando o total dos participantes, o valor mínimo de MLU foi de 3,90 e o máximo, de 4,39; a média foi 4,13 e o desvio padrão 0,18. Pelo teste *t* de Student o valor de p foi 0,736 e não ocorreu diferença estatística para $p \leq 0,05$.

Número de enunciados diretivos

O número de enunciados diretivos, como já explicado anteriormente, só foi calculado na transcrição das mães. Contatou-se não haver habilidades lingüísticas suficientes para produção de enunciados verbais que apresentassem os indicadores necessários para este tipo de comportamento verbal nas crianças.

Tabela 6. Número dos enunciados diretivos maternos

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
G1	4	95	152	125,25	23,58
G2	4	37	78	57,75	18,28
Total	8	37	152	91,50	41,03

Na Tabela 6, as mães do grupo de 2 apresentaram o número mínimo de 37 enunciados diretivos e o máximo de 78; a média foi de 57,75 e o desvio padrão, de 18,28. Quanto ao grupo 1, as mães tiveram o mínimo de 95 enunciados diretivos e o máximo de 152; a média foi de 91,50 e o desvio padrão, de 23,58. Após realizar o teste *t* de Student para amostras independentes, este item foi o único aspecto analisado das mães que teve significância estatística, com $p = 0,004$, ou seja, que apresentou diferença significativa entre grupos de mães em relação ao número de enunciados diretivos.

DISCUSSÃO

O objetivo do presente trabalho foi analisar as interações entre mães e filhos, em relação à fala dirigida à criança por parte de mães e investigar a diferença entre as que tinham filhos com ou sem retardo na aquisição da linguagem. Os comportamentos comunicativos ocorrem em um mecanismo de troca constante entre os dois falantes do diálogo. Ramos *et al.* (2002) afirmam que a mãe se comunica com seu filho; que responde conforme suas capacidades, com respostas verbais ou não verbais, fazendo um intercâmbio.

Para isso, foram pesquisadas várias medidas, das quais a considerada mais eficaz foi o número de enunciados diretivos em cada interação, que mostrou significância estatística entre as mães das crianças que apresentavam retardo de linguagem. Por outro lado, em outros estudos os autores encontraram o oposto, afirmando que as mães utilizam mais enunciados diretivos com os filhos com desenvolvimento típico de linguagem; elas apresentam mais instruções menos precisas aos seus filhos. Afirmam ainda que fatores como idade e nível lingüístico podem produzir diferentes resultados (Aquino e Salomão, 2005).

O padrão de funcionamento das mães de crianças com retardo não foi um padrão considerado anômalo na sociedade. Na verdade, as diferenças foram constatadas no número de tentativas das mães de bloquearem comportamentos inadequados das crianças ou de adequar seu comportamento

a um tipo de tarefa e, por causa das dificuldades das crianças, esses enunciados diretivos tiveram que ser utilizados pelas mães em um número mais acentuado de situações para que as tarefas fossem desempenhadas adequadamente. Observa-se isso pela significância estatística que os resultados apresentados revelaram. Por outro lado, a contingência da fala materna durante um momento de interação consiste numa combinação de enunciados do adulto associados ao tópico do enunciado da criança, podendo, assim, dar continuidade à conversação (Fonseca e Salomão, 2006).

A forma como a mãe se dirigia a seu filho, considerando-se o gênero da criança, não foi um fator que pôde ser observado nesta pesquisa, pois a maior parte das crianças da amostra era do sexo masculino. Contudo, acredita-se que esse tipo análise pode levar a resultados diferentes, pois, segundo Aquino e Salomão (2005), em pesquisas comparando a fala das mães com meninos ou meninas, verificaram que as mães dos meninos utilizavam mais diretivos do que as das meninas. Esses estilos interativos mostram o tipo de relação que se estabelecerá futuramente com a mãe.

Em um estudo de Dadalto e Goldfeld (2006) foi analisada a interação entre as mães e seus dois filhos, uma menina e um menino, o principal objetivo da pesquisa foi verificar como seria a interação com os dois gêneros das crianças. Por meio da filmagem de uma brincadeira concluíram que houve diferenças em relação aos gêneros e a mãe apresentou mais enunciados diretivos com o filho e, com relação à filha, maior número de interações mais sofisticadas.

Como se pode observar nos resultados o MLU não mostrou diferença estatística neste estudo em relação às mães. Todavia confirmou-se que o MLU não pode ser usado individualmente para caracterizar a linguagem utilizada com a criança. Isso já havia sido constatado anteriormente por outros autores que concluíram que esta medida só pode ser utilizada com crianças com desenvolvimento típico e com distúrbio específico de linguagem (Fensterseifer e Ramos, 2003).

Há um consenso entre vários autores quanto a que alguns estilos de *input* são favoráveis à aquisição da linguagem por parte das crianças. Por outro lado, existe um grande número de evidências sobre quais estilos de *input* podem facilitar o desenvolvimento lingüístico da criança e quais podem modificar o percurso normal. Essas evidências devem ser interpretadas com muita cautela, pois não se tem certeza sobre que fatores são causas e que fatores são efeitos, isto é, se é o estilo de *input* que influencia o desenvolvimento da linguagem da criança ou o contrário (Borges e Salomão, 2003).

Como já era esperado, as crianças com desenvolvimento típico de linguagem, apresentaram maior número de enunciados produzidos mais completos e com mais morfemas na mesma frase, comparadas às com desenvolvimento atípico, que não conseguiram formar enunciados mais longos. A estimulação desencadeada pela mãe em relação ao processo de comunicação de seu filho exige um outro estímulo de resposta para que ela possa continuar esse processo de interação. Existe, assim, uma estimulação bidirecional, contudo nas crianças com desenvolvimento anormal de linguagem essa estimulação não ocorre; então, ela acaba sendo unidirecional na maior parte pelas mães.

Analisando outros estudos anteriores, Law (2001) refere que fatores ambientais influenciam diretamente nas aptidões verbais das crianças. É muito provável que o desenvolvimento da linguagem será afetado pela maneira como se dirigem a ela. A literatura sugere que a relação entre as informações dos pais e a produção verbal das crianças não é, necessariamente, o primeiro a

gerar o segundo. Entretanto, os pais das crianças com deficiência de linguagem eram menos compreensivos e mais críticos com as ações dos seus filhos que os das crianças com desenvolvimento normal, e as mães das crianças com desenvolvimento atípico de linguagem satisfazem mais às necessidades físicas de seus filhos, convivendo de uma forma paralela ao interagirem diretamente com eles.

Entende-se que esse tipo de situação em que foi realizada a filmagem é, de certa forma, não natural e, possivelmente, algumas modificações no padrão de funcionamento das mães e dos filhos pode ter sido variável. Entretanto, isso ocorreu para ambos os grupos e, portanto, não interferiu na análise dos resultados. Contudo sugere-se que possam ser pensados meios tecnológicos que venham a corrigir esse problema em estudos posteriores. Como por exemplo, câmeras fixas ou filmagem no ambiente familiar.

Por fim, salienta-se a importância de pesquisas futuras relacionadas ao tema, nas quais se avaliem os comportamentos verbais e, ainda, acrescentem-se as estratégias não verbais utilizadas tanto pelas mães quanto pelos filhos, o que pode tornar as respostas mais completas e o diagnóstico das alterações de linguagem mais preciso, incluindo-se nas baterias de avaliação da linguagem infantil a interação entre pais e filhos.

CONCLUSÃO

Para o presente estudo, o MLU não foi considerado uma medida única para obtenção dos resultados finais, contribuindo de forma complementar na análise. Neste estudo, a fala dirigida à criança apresentou uma diferença perceptível nos enunciados diretivos, o que pode ser investigado em estudos posteriores, nos quais se poderá analisar como esta fala pode interferir no desenvolvimento de linguagem da criança e, até mesmo, colaborar com a terapia fonoaudiológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aimard, P. (1997). *O surgimento da linguagem na criança*. Porto Alegre: Artmed.
- Aquino, F.S.B. & Salomão, N.M.R. (2005). Estilos diretivos maternos apresentados a meninos e meninas. *Estudos de Psicologia*, 10 (2), 223-230.
- Bishop, D. & Mogford, K. (2002). *Desenvolvimento da linguagem em circunstâncias excepcionais*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Borges, L.C. & Salomão, N.M.R. (2003). Aquisição da linguagem, considerações da perspectiva da interação social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (2), 327-336.
- Dadalto, E.V. & Goldfeld, M. (2006). Características do maternalês em duas crianças de idade distintas. *Distúrbios da Comunicação*, 18 (2), 201-208.
- Fensterseifer, A. & Ramos, A.P.F. (2003). Extensão média de enunciados de 1 a 5 anos. *Pró-Fono*, 15 (3), 251-258.

- Fernandes, E. (2003). Teoria de aquisição de linguagem. In: M. Goldfeld, (Org.). *Fundamentos em Fonoaudiologia: Linguagem*. (pp. 1–13). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Fonseca, P.N. & Salomão, N.M.R. (2005). Análise comparativa das falas maternas e paternas dirigidas às crianças. *Paidéia*, 15 (1), 79-91.
- Fonseca, P.N. & Salomão, N.M.R. (2006). Contingências semânticas das falas maternas e paternas: Uma análise comparativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 91-97.
- Grünspan, H. (2003). *Distúrbio neurótico da criança*. São Paulo: Atheneu.
- Law, J. (2001). *Identificação precoce dos distúrbios da linguagem na criança*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Moura, M.L.S.; Ribas, A.F.P.; Seabra, K.C.; Pessoa, L.F.; Ribas Jr., R.C. & Nogueira, S.E. (2004). Interações iniciais mãe-bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (2), 295-302.
- Mussen P.H., Conger J. & Kagan J. (1995). *Desenvolvimento e personalidade da criança*. São Paulo: Editora Harbra.
- Ramos, A.P.F.; Fróes, G.M.C.; Maldaner, R.D.; Rosa, D.S. & Soares, S.A.V. (2002). Análise da sintonia interacional em díades mães-filhos em aquisição típica e atípica de linguagem oral: Repensando a clínica fonoaudiológica. *Aletheia*, 15, 47-62.
- Snow, C.E. (1997). Questões no estudo de input: Sintonia, universalidade, diferenças individuais e evolutivas, e causas necessárias. In: P. Fletcher & B.M. Whinney (Orgs.), *Compêndio da linguagem da criança*. (pp. 153-63) São Paulo: Artmed.
- Zorzi, J.L. (1993). *Aquisição da linguagem infantil: Desenvolvimento, alterações e terapia*. São Paulo: Pancast.

Recebido em 22/09/08

Revisto em 26/11/08

Aceito em 30/11/08